

EDITORIAL

Branca Gomes



PROJECTOS DE VIDA? AGORA?

Sempre, sempre... tenha a idade que se tiver, sem nos lembrarmos das décadas gravadas no bilhete de identidade ou cartão de cidadão, fazemos projectos.

Porque, enquanto os fazemos, alimentamos os sonhos, e com eles a Esperança que nos adoça a Vida. É claro que, por vezes, os sonhos são pesadelos, mas quando se acorda, respira-se fundo e pensa-se: "ainda bem que não passou de um pesadelo".



Isto, em sentido figurado, representa a Esperança em seguir em frente, viver o presente o melhor possível e aproveitar o máximo do bom que a Vida nos vai, também, proporcionando. Mesmo com pesadelos fortes, e seja qual for a situação actual, iremos até ao fim, fazendo projectos e sonhando, apesar de por vezes os objectivos não virem a ser concretizados.

Como o Sol que ilumina o nosso dia a dia, mesmo quando escondido atrás das nuvens, digamos ao acordar: Bom dia, Dia!



PENSAMENTOS E CITAÇÕES

"Eu aprendi, que tudo o que precisamos, é de uma mão para segurar e um coração para nos entender."

William Shakespeare (1564 – 1616)

Poeta, dramaturgo e ator inglês, é considerado por muitos como o maior escritor da língua inglesa e o mais influente dramaturgo do mundo pelo que é frequentemente apelidado de "Bardo do Avon" ou simplesmente "O Bardo"

Prosa da pedra

Armando Santos



Quando me depositaste um seixo nas mãos, disseste que as pedras têm o peso que falta à alma e que eu só podia dar-te duas coisas: amor e esperança.

Eu não disse nada porque eras demasiado bonita para eu te contrariar mas pensei para mim que só te podia dar realmente uma coisa: amor.

A esperança, essa eu guardei só para mim, porque a minha, a ti, não te servia. Junto coloquei aquele pequeno seixo que passou a andar comigo para todo o lado, mesmo quando me suplicaste que te abandonasse. Acabei por aceder porque sabia que o amor nunca te tinha feito sofrer antes e porque nunca te recusei nada. A tua beleza às vezes tem destas coisas, atrapalha a minha vontade.

Incomodou-me muito aideia da tua solidão. A minha eu já aceitava antes de te conhecer mas, quando a tua esperança te falhou, foi com estranheza que recebi o teu pedido para que te escrevesse. "Nada de e-mails" dizias tu, como se as saudades te tivessem feito voltar atrás no tempo, "para o tempo em que ainda escrevíamos cartas um ao outro..."

Até pedires, nunca me tinha apercebido da diferença: da velocidade a que escrevo no computador, como se as palavras tivessem pressa, tão depressa que parece que estamos ao telefone que eu tanto detesto porque me faz sentir toda a distância que impuseste entre nós.

O teclado não tolera esperas de quem, como eu, tem limitações em se exprimir por palavras. Para te escrever preciso efectivamente da caneta, do papel, do silêncio da noite e de tempo, para errar e continuar a tentar, até me contentar com o que restar.

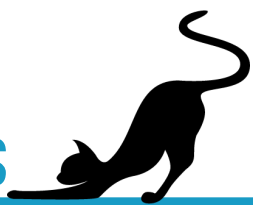
Passam várias noites que tu não tens até desistir de fazer melhor. Não é fácil responder-te quando, para ti, é natural dizer e escrever tudo da melhor maneira. Não sabes onde está o botão "Responder" e nunca um assunto teu começou por "RE:". Pintas as palavras com o corpo e escreves com o coração na ponta da caneta. E mesmo quando o fazes no computador, escreves as palavras com todas as teclas.

Sai-me um bilhete com texto rasurado a pedir-te permissão... para te encontrar. Com a minha péssima caligrafia a que te acostumaste durante os nossos anos de faculdade e que, com toda a certeza, preferias não ter revisto.

E depois espero... que o leias, que tenhas tempo de responder, que acedas à minha presença, que me deixes ficar, acompanhado da tua, minha, pedra.

O tempo passa e deixa constante a esperança que é só minha. Nas minhas mãos aperto por vezes a pedra, da qual já não sinto o peso. É só uma pedra. Não falemos mais disso.





O colega António Reis tem dois animais de estimação: uma cadela e um gato.

Mas é sobre o gato que, com autorização do dono, decidimos fazer uma entrevista. Não só por não ser um gato fora do normal, com comportamento e dedicação exemplares, mas sobretudo por ter uma cultura felina acima da média. Podemos afirmar, sem qualquer dúvida, que o Pipoca, assim se chama o gato, é um "Gatão".

Deslocamo-nos à residência do António e fomos encontrar o Pipoca no escritório do dono, comodamente instalado numa poltrona em cima de uma almofada. Não ficou admirado com a nossa presença porque já estava avisado do que se ia passar. Quando começamos a entrevista limitou-se a esticar as patas e a olhar para nós, com ar superior.

Repórter X – Boa tarde. Por que razão se chama Pipoca?

Pipoca – Se perguntarem se gosto do nome, digo já que não. Teria preferido que o meu dono me tivesse dado o nome de Tom (Cruise), Mel (Gibson) ou Brad (Pitt)... No mínimo, Garfield ou Félix. Acontece que, quando vim para esta casa, ainda jovem, era branquinho com as orelhas amareladas e o meu rabito tinha umas riscas brancas e amarelas, pelo que concluíram que eu era parecido com uma pipoca. Humanos e a sua mania de ver similitudes em tudo... Desculpas esganhadas!

Repórter X – O seu dono disse-me que vai para a sua secretária e deita tudo ao chão. Qual a razão?

Pipoca – Não é bem assim! Só faço isso quando ele não me dá a devida atenção. Francamente, chega a casa, vai para o escritório, agarrado ao telemóvel, depois liga a tv e põe-se a ver filmes, e a mim, nem uma festa me faz. Recuso-me a aceitar tal alheamento. Preciso de ser acarinhado.

Repórter X – É sabido que costuma deitar-se em cima do teclado do computador. Confirma tais alegações? E se sim, por que razão o faz?

Pipoca – Confirmo e mais afirmo que nada tenho a ocultar. Faço-o porque sinto a necessidade de censurar o meu dono que se põe a ver posts e sites, alguns nada recomendáveis. Já para não falar que não escreve nada de jeito. Além do mais, ando a escrever um livro e não quero que ele, para já, saiba. Já tem título: "Um dia vou ser um Rei, haja Saúde!".

Repórter X – Coabita com a Kica, uma cadela. Dá-se bem com ela?

Pipoca – É uma pasmona. De vez em quando dou-lhe no focinho e ela nem reage. Parecemos aqueles deputados na Assembleia da República a darem porrada uns nos outros, sempre com um sorriso nos lábios, e depois cá fora são todos amigos.

Repórter X – Que coisas que gosta de fazer?

Pipoca – Gosto quando o António anda comigo debaixo do braço, como um livro e de dormir aos pés da cama dele, mas nem sempre. Quando ele se lembra de rressonar, fica impossível ficar no quarto e vou para a sala, deito-me no sofá, coloco os headphones, e ouço Lady Gaga, de quem sou fã.

Repórter X – Gosta da vida que leva?

Pipoca – Não me posso queixar. Mas gostava de ir com o meu dono até à USFE para ver as gatas.

Repórter X – Obrigado Pipoca.

Pipoca – Blá, blá, Whiskas saquetas.



Não é só mais um ano que acabou de começar!

É o nosso processo natural de envelhecimento, nem sempre proporcional aos desejos e ambições com que nos debatemos ao longo do ano decorrente.

Seja qual for a nossa idade, temos sempre dentro de nós, ao ecoar a última badalada da meia-noite, o secreto anseio que o ano que começa seja melhor que o que acaba!

É um renascimento da vida, como qualquer ser recém nascido, ansioso pelo dia de amanhã, em que as páginas da nossa vida se irão escrevendo conforme o que está "escrito" ou destinado (se é que está).

Gosto de pensar que este acto de nascer é uma promessa de vida, embora o processo seja muitas vezes doloroso e moroso, o que nos obriga a dar mais de nós, a um amor mais rico e, por vezes, difícil.

Que tenhamos o discernimento de aceitar a vida tal como ela é, e não como gostaríamos que ela fosse!

Bom ano!

PROVÉRBIOS

ÁRABE

Não digas tudo o que sabes
Não faças tudo o que podes
Não acredites em tudo o que ouves
Não gastes tudo o que tens

Porque
Quem diz tudo o que sabe
Quem faz tudo o que pode
Quem acredita em tudo o que ouve
Quem gasta tudo o que tem

Muitas vezes
Diz o que não convém
Faz o que não deve
Julga o que não vê
Gasta o que não pode



CAMINHOS

De rostos erguidos e cabelos libertos ao vento
Desbravamos o trilho, superando a adversidade
Do chão que pisamos, de olhos na longevidade
Em plena sintonia estão "objetivo e movimento".

Qual o desafio maior? inverter essa efemeridade
Desta tão curta estadia, ir injetando mais alento
Adicionando sempre em dose certa tal fermento
O que vem promover uma mais digna qualidade.

Assim seguindo vamos pelas veredas desta vida
Saudando os sóis, as brisas, acenando às gentes
E de olhar sempre focado, nessa terra prometida.

Que a Sagrada Escritura veio inserir nas mentes
Deste nosso povo, que à mensagem dá guarida
E se auto definem, de missionários congruentes.

